MEMÓRIAS DE TEMPOS MÓRBIDOS: AFETOS E EDUCAÇÃO

Heitor Godinho Tanus [1]

A pandemia de Covid-19 foi declarada pela Organização Mundial da Saúde em 11 de março de 2020. Neste dia, sem saber, havia um embrião humano sendo formado no útero de minha companheira. Minha matrícula na UFPR - Litoral (Agroecologia) estava trancada porque eu não tinha conseguido assumir as aulas de Ensino Religioso no município de Matinhos - PR (por conta da falta de uma documentação) e havia sido chamado para dar aulas de Filosofia (minha primeira formação acadêmica - UEL) no interior da Amazônia, algo que desejava há algum tempo. No fatídico dia da anunciação pandêmica encontrava-me no interior de São Paulo preparando as malas para Urucará - AM. Poucos dias depois, precisamente no dia anterior a ida para Manaus - AM, minha companheira ligou falando do teste de farmácia declarando positivo para gestação. Tudo foi adiado (na verdade, cancelado) e no dia seguinte a ligação eu estava em Matinhos - PR. Manaus ficaria para outro momento de minha/nossas vidas.

A pandemia, cada vez mais, mostrou-se implacável. Atuando com o alinhamento de um governo omisso, a dita "gripezinha" foi demonstrando-se uma enorme ceifadora de vidas, fábrica de desamparos, traumas, tragédias e muitos tipos de medo. Já durante o mês de maio daquele mesmo ano estávamos nós três, uma nova família pandêmica isolada no litoral norte de São Paulo, nos preparando para cuidar e receber essa vida que estava por vir, com previsão de nascimento em outubro/novembro de 2020. Neste ano minha matrícula permaneceu trancada enquanto minha companheira finalizava os módulos finais de Administração Pública (UFPR) nos períodos especiais da Educação a Distância. Violeta, nossa filha, nasceu em 3 de novembro de 2020. Logo na segunda semana do ano de 2021, desempregado e desempregada nos mudamos para Mossoró - RN, onde ela tem alguns familiares. Além da busca por oportunidades

[1] Graduado e Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Pedagogo pela Universidade da Cidade de São Paulo (UNICID). Estudante de Tecnologia em Agroecologia pela Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral (UFPR). Bolsista e mediador pedagógico do Núcleo de Tecnologias Educacionais da UFPR - Setor Litoral. Professor de Filosofia e Sociologia na Escola Estadual Francisco Falcão - AL.

profissionais, houve um intenso processo de desterritorialização para reterritorialização. Empreitada inicialmente mal sucedida, o emprego não chegou. Em seguida, nos mudamos outra vez, agora para Fortaleza - CE. Durante o mês de março do presente ano, continuamos nossa peregrinação em busca de alguma estabilidade dentro do caos de uma pandemia aparentemente sem fim. No mês seguinte destranquei minha matrícula e voltei a cursar alguns módulos do curso de Agroecologia no formato à distância. Minhas memórias deste período são bastantes intensas: a reserva financeira chegando ao fim, a pandemia entre seus "recomeços", o medo do medo que dava de tudo, a privação de sono necessária para os cuidados de nosso bebê, a busca interminável pela reinserção no mercado de trabalho junto com as responsabilidades que o cumprimento dos módulos exigiam. Não dei conta desta harmonização, acabei preferindo deixar os módulos de lado, eu não tinha energia para conversar com as queridas professoras, que ministravam atenciosamente seus respectivos módulos, sobre minhas dificuldades e frustrações pessoais daquele momento.

A linearidade e o controle com relação ao tempo são delírios que mascaram o caos. Porém, interessante seria estar minimamente preparado (fisicamente e psicologicamente) para quando o caos arrebenta cada pedacinho dos cenários que preparamos e visualizamos para nossa vida. Seria, mas não foi. O preparo veio na marra, no "um dia após o outro", no amor e na perseverança. O tempo passou: conseguimos nos manter saudáveis, fui me acostumando e aprendendo a gostar da pesada rotina de acompanhar e dar todo o suporte para o crescimento e desenvolvimento de um novo ser humano. Alugamos uma casa com amplo terreno nos arredores de Fortaleza. Em agosto de 2021 consegui assumir as aulas de Filosofia e Sociologia no ensino médio de uma escola particular, Colégio Julia Fialho. No mês seguinte, minha companheira conseguiu um trabalho no Aeroporto Internacional de Fortaleza - Pinto Martins. Ainda em setembro, fiz matrícula em um módulo do curso de Agroecologia e fui chamado para trabalhar junto ao Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE) - Setor Litoral como bolsista, atuando no plano emergencial curricular da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Retornando à prática de ensino, desde agosto atuo como educador no modelo de ensino híbrido. Dou aulas para um grupo reduzido de alunos e alunas presencialmente, na própria escola, ao mesmo tempo que um celular ou um computador tenta captar e enviar ao vivo minhas aulas para aqueles e aquelas estudantes que estão assistindo de forma online. Apesar do tempo

longo de duração da pandemia, colégios e docentes estavam pouco preparados para enfrentar inesperados e incessantes desafios deste período. Evasão das alunas e alunos. Adaptação e ajuste com relação às plataformas necessárias ao desenvolvimento das práticas pedagógicas eficientes nos modelos do ensino à distância. Os colégios passaram a maior parte da pandemia tentando lidar com os novos desafios do ensino remoto e pouco puderam fazer no tocante ao preparo e às estruturas e estratégias necessárias para o desenvolvimento posterior do ensino híbrido. E foi exatamente com isso que me deparei. Com o início das aulas híbridas. As dificuldades ainda são muitas, desde a falta de estrutura até a desarmonia com relação à captação de conteúdo entre alunas e alunos presenciais e alunos e alunas online. O esforço e o carinho da atuação docente, juntamente com a coordenação pedagógica e a dedicação dos discentes é o que me motiva e faz o trabalho educacional conseguir se movimentar, apesar das dificuldades de um contexto de pandemia mundial.

Ter a experiência do ensino remoto dentro da UFPR - Setor Litoral, especificamente no curso de Tecnologia em Agroecologia foi algo muito gratificante, muito devido ao fato da estrutura desenvolvida pela universidade ser eficiente. Os trabalhos das docentes da Câmara, da assessora técnica Josi e da comunidade acadêmica em geral proporcionaram um acolhimento muito gratificante, visto que a todo momento estavam atentas às demandas específicas de cada estudante, ou seja, tratando o processo educacional com carinho e zelo às mais diversas subjetividades e particularidades. As dificuldades que tive com os módulos remotos que participei ocorreram exclusivamente por causa da carga excessiva de trabalho (não remunerado) que tinha em casa, juntamente com os meus percalços emocionais e adaptativos (corresponder às demandas da vida) de um novo cenário familiar.

Foi justamente esse acolhimento que tive da comunidade UFPR que me inspirou e me inspira em minhas atividades profissionais do momento. Tanto em sala de aula (junto com as turmas do ensino médio que atuo como educador), quanto em minhas atividades junto ao NTE - Setor Litoral. Procuro espelhar minhas ações com todo o carinho e acolhimento de individualidades possível, porque acredito que todos os papéis e etapas dos processos de ensino envolvem respeito, atenção, receptividade, consideração aos mais diversos contextos singulares que nos deparamos.

As dificuldades que passei neste processo, ainda em aberto, de pandemia, transformaram-se em amor e esperança na vida, porque tive o privilégio de ter diversas experiências de conexões repletas de acolhimento e atenção, em um período permeado de medo e incertezas. Algumas dessas conexões vieram diretamente da UFPR: da experiência que tive vivendo em Matinhos - PR, estando perto de toda comunidade acadêmica e "externa", dos módulos, de um campus que se propõe pedagogicamente com certa distância de processos de aprendizagem unicamente bancários, técnicos, frios, voltados tão somente à mercantilização do tempo, da predominância do uso pragmático do conhecimento adquirido aplicado ao mercado de trabalho, para o qual você vende suas horas. A vida apresenta-se diversas vezes repleta de afetos, cuidados e acolhimentos, e nos processos que passei e passo em cenários voltados à educação experimento afetividades e acolhimentos que transformam continuamente minha vida, minhas perspectivas.

E a experiência enquanto aluno nesta universidade me ensinou e explicitou diversas faces do cuidado, da atenção e do amor quando estamos transitando naquilo que chamamos de educação. Vivência que transformou minhas perspectivas enquanto professor e estudante. A partir de minhas vivências e privilégios e dificuldades, os processos de aprendizagem são muito mais importantes do que o delírio de um produto final, um relatório ou alguma prova qualquer. Os afetos presentes nesses processos atravessam meus vários eus, são parte integrante dos rastros que imagino deixar pelos espaços que passo.

Apesar dos diversos desafios que permanecem, posso dizer que carrego sentimentos e memórias de gratidão e esperança, mesmo diante de cenários tão mórbidos e difíceis. O acolhimento e os afetos prevaleceram e permanecerão. A educação salva vidas!